

# Fotografias do cotidiano da *Belle Époque* no Rio Grande-RS

Andrea Maio Ortigara<sup>1</sup>

## Resumo

Neste estudo analisamos os álbuns de fotografia nos quais o imigrante francês Jorge Ruffier registrou suas vivências entre os anos 1910 e 1930 no município do Rio Grande, revelando uma fase da modernidade conhecida como Belle Époque. Exploramos a potencialidade documental das fotografias para compreender a história dos processos de urbanização no Rio Grande decorrentes da industrialização. O acervo fotográfico nos permite observar o desfrute do espaço público por meio dos passeios ao ar livre, os veraneios no Balneário Cassino, a chegada da eletricidade e do transporte por bondes e ainda, a sintonia com a moda europeia identificada nas vestimentas dos sujeitos. Adotamos a fotografia como fonte e objeto de estudo para a produção do conhecimento multidisciplinar, e a sua análise como proposta metodológica inerente ao processo de investigação. Assim, a fotografia é recurso para compreensão do cotidiano expresso nos hábitos empregados na reprodução da vida, ampliando as evidências documentais da realidade social do passado.

Palavras-Chave: *Belle Époque*, cotidiano, fotografia, modernidade, Rio Grande.

## 1. Introdução

Neste artigo apresentamos alguns dos resultados da pesquisa de doutorado realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina. Buscamos estabelecer relações entre o cotidiano e o as transformações do espaço urbano no município do Rio Grande, em um momento da modernidade conhecido por *Belle Époque*, por meio da análise de fotografias realizadas pelo Sr. Jorge Ruffier nos primeiros anos do século XX.

Abordamos o cotidiano e o urbano, como instrumento de conhecimento e de análise da realidade social, tendo como referência a obra de Henri Lefebvre. O autor atribui ao cotidiano uma significação política relevante, defendendo-o como centro do modo de vida da sociedade moderna. A cotidianidade é uma experiência de vida dos sujeitos modernos, assim, o cotidiano abrange e sintetiza as características de uma existência que é social e individual. Projetos de vida, desejos, necessidades, satisfações e frustrações carregam o cotidiano de significados. Entre fatos aparentemente insignificantes, o cotidiano possui algo de essencial, ordena os fatos da vida e permite conhecer a sociedade.

Detemo-nos em elementos metodológicos lefebvrianos, destacando a forma dialética com que o autor reflete a cidade e o urbano, bem como os níveis e as dimensões desses fenômenos sociais. Nesse sentido, o conceito de espaço social foi relevante para o

---

<sup>1</sup> Doutora em Geografia; Universidade Federal de Santa Catarina; Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Professora no Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. [andreaortigara@gmail.com](mailto:andreaortigara@gmail.com)

conhecimento da realidade urbana do Rio Grande na *Belle Époque*. Conforme Lefebvre, o espaço é o locus da reprodução das relações sociais de produção. A totalidade do espaço se converte no locus da reprodução das relações sociais, incluindo o espaço urbano, os espaços de ócio e os espaços da cotidianidade. A cotidianidade fotografa pelo Sr. Ruffier na *Belle Époque* rio-grandina foi o nosso principal objeto de reflexão, representada nas diferentes formas dos sujeitos se ajustarem ao espaço urbano, e nos diferentes modos de organizarem o cotidiano. A crítica da vida cotidiana buscou ampliar as possibilidades de apropriação do cotidiano, bem como de seus sentidos e significações como experiência social. Por conseguinte, refletir sobre o cotidiano implicou o estudo das dimensões que o constituem. A esse respeito, Lefebvre identifica na família, no lazer e no trabalho as três dimensões da cotidianidade, que, numa relação dialética, formam uma totalidade que deve ser apreendida. Assim, demonstramos as articulações entre o urbano, o cultural e o cotidiano, a partir das transformações que redefiniram a imagem do município do Rio Grande no período *Belle Époque*.

## 2. A modernidade chega ao Rio Grande

Em 9 de julho de 1908, a *Compagnie Française du Port de Rio Grande do Sul* passa a ser responsável pela construção do Porto Novo e dos molhes leste e oeste da barra do Rio Grande. É nesse mesmo ano que chegam ao município do Rio Grande os primeiros trabalhadores franceses especializados nesse tipo de obra. O cotidiano do Rio Grande, nas primeiras décadas do 1900, passou por transformações oriundas do processo de industrialização e relacionadas às atividades portuárias. Deste modo, a burguesia vivia a modernidade motivada pelo progresso urbano, gerando novas vivências sociais que foram captadas pela lente do Sr. Ruffier.

O Sr. Ruffier chegou em Rio Grande em novembro de 1910, após aceitar uma proposta para trabalhar como superintendente do setor de eletricidade nas obras de montagem da usina elétrica do Rio Grande, que estava a cargo da Cie Française du Port de Rio Grande. As primeiras impressões que teve do Rio Grande foram anotadas no seu livro de memórias:

Cheguei, pois, ao Rio Grande, um tanto assustado pela grande responsabilidade que ousara assumir, tendo pouca prática de máquinas a vapor, de bondes elétricos, de administração de luz e força, enfim, de tudo aquilo que pela insistência do Sr. Byington e a firme vontade de melhorar a minha situação, me havia comprometido a dirigir. Pedi a todos os meus santos protetores e a Nossa boa Mãe do céu que não me abandonassem e ... não me saí muito mal. Ao entrar pela barra do Rio Grande, a minha primeira impressão foi que a cidade estava dentro d'água, sobressaindo, apenas, algumas torres de igreja e chaminés de fábrica. Com pontualidade proverbial dos vapores da Costeira daquele tempo, chegamos bem na hora marcada no porto velho, em frente à rua Riachuelo. Os Ita não podiam atracar. Os passageiros eram trazidos de bordo em catraias, pertencentes a uns portugueses. Desembarquei numa rampa

existindo ao lado da Alfândega. Fui me encaminhando pela rua Riachuelo em demanda ao “Hotel Paris” que me havia sido indicado como o melhor da cidade. Soprava um vento nordeste louco. O aspecto da cidade era bem atrasado e sujo. Na carta que escrevi para casa logo à minha chegada (24 de novembro), notava a péssima impressão que me fizeram a usina da cidade, a instalação dos bondes muares, enfim tudo aquilo que eu era chamado a endireitar, pobre engenheiro debutante! (Ruffier, sem data)

## 2.1 Os bondes no Rio Grande

A respeito do trabalho que inicialmente desenvolveu no Rio Grande, o Sr. Ruffier realizou registros escritos e fotográficos. A figura 1 reúne duas imagens agrupadas em uma página do álbum de família. Na fotografia localizada na parte superior vemos o Sr. Ruffier na Rua 24 de Maio, em frente ao Asilo dos Pobres, montado a cavalo usando botas de montaria e chapéu, olhando para a máquina fotográfica. Observamos que ele segura um longo e fino fio na mão direita e supomos que era um disparador que acionava o obturador da câmera. No verso da fotografia, ele escreveu, com bom humor referindo a si mesmo sobre o trabalho que desenvolveu na usina de eletricidade do Rio Grande: “O general chefe da seção de electricidade da C. F. P. RGS montado no seu ginete ‘Ájax’ frente ao Asilo de Pobres”. No diário, ele escreve:

Em abril, nova encrenca: No dia de sexta-feira santa o pessoal dos bondes muares, recusou-se a trabalhar alegando que não deviam profanar um dia tão solene, trabalhando. Já era costume no Rio Grande, neste dia, pararem os telefones. Tive que fornecer energia, saindo pessoalmente com um carro: depois que mudaram de idéia, continuei fiscalizando o serviço montado a cavalo como um general! Esse cavalo era o meu único divertimento aos domingos; chamava-se Ájax. (Ruffier, sem data)

O que nos interessa nesta imagem é destacar que este dia era Sexta-Feira Santa, e na cidade os serviços de bondes muares e telefonia não estavam funcionando. Os escritos do diário nos permitem compreender a inquietação do Sr. Ruffier com o ocorrido. Portanto, a fotografia mostra que ele estava trabalhando para realizar o fornecimento de energia elétrica numa data de comemoração religiosa.

Na fotografia da parte inferior do álbum, realizada em 18 de fevereiro de 1911, observamos o erguimento de uma chaminé na caldeira da usina de energia elétrica. Nesta vemos alguns homens trabalhando, o bonde sobre os trilhos está estacionado num local coberto, localizado ao lado de um galpão maior. No bonde observamos o letreiro onde está escrito “Circular”. No verso da fotografia o Sr. Ruffier anotou: “A operação do erguimento da segunda chaminé para a nova caldeira (máquina 225 KW)”. Esta fotografia possui o seguinte comentário no livro de memórias: “Neste mês de fevereiro realizei o meu primeiro trabalho importante: A montagem da chaminé da nova caldeira que a Cie. havia comprado com uma máquina a vapor de 225 kwatts”.

Figura 1 – Sr. Ruffier à cavalo e erguimento de chaminé na caldeira da usina de energia elétrica – 1911.



Fonte: Acervo pessoal.

Os bondes foram inaugurados em Rio Grande em 1911, e o Sr. Ruffier registrou em fotografias e escritos diversos acontecimentos relacionados aos bondes. Na figura 2, vemos uma vista lateral do bonde com nove homens e um menino que se organizaram para compor uma pose para a fotografia. Observamos que há uma numeração abaixo de dois homens, as quais se referem aos nomes dos sujeitos no verso da fotografia. No verso está escrito: “O pessoal que montou o primeiro bonde elétrico no Rio Grande no dia em que saíu da oficina no galpão do parque”.

Figura 2 – Inauguração dos bondes em Rio Grande – 1911.



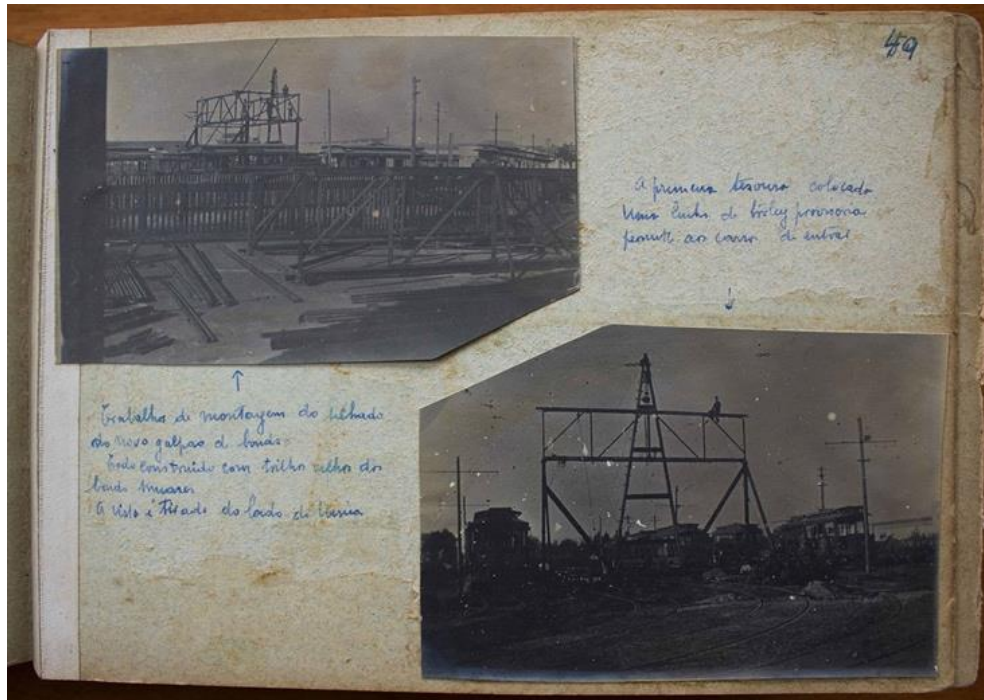
Fonte: Acervo pessoal.

O Sr. Ruffier fora contratado para trabalhar na instalação dos bondes elétricos no município do Rio Grande, conforme dito anteriormente. No álbum de família há duas fotografias que mostram a montagem do telhado do novo galpão dos bondes, e a instalação da primeira tesoura da linha de *trolley* (figura 3). Nas imagens vemos os bondes estacionados e pessoas trabalhando em cima de andaimes.

Após meses de trabalho, no dia 15 de novembro de 1911, os bondes foram inaugurados com fervorosa recepção popular. Neste dia, o Sr. Ruffier fez cinco fotografias que documentam o trajeto realizado no dia da inauguração dos bondes, que compreendeu a saída da Rua Marechal Deodoro, passando pela Rua Rheingantz e chegando no Parque, como mostra a figura 4. Nestas imagens localizadas em uma mesma página do álbum, lemos as seguintes anotações: “Passagem do bonde pela Rua M<sup>a</sup> Deodoro. A inauguração dos bondes elétricos, 15-11-1911. Vista da Rua M<sup>a</sup> Deodoro tomada do carro que eu conduzia. Vista da Rua Rheingantz e do Parque”.

Figura 3 – Instalação da primeira tesoura da linha de *trolley* no Rio Grande – 1911.





Fonte: Acervo pessoal.

Figura 4 – Inauguração dos bondes elétricos no Rio Grande – 1911.



Fonte: Acervo pessoal.

Destacamos a organização das cinco fotografias na página do álbum que cria, por meio da sequência documental, uma narrativa visual onde vemos tomadas do fotógrafo de frente para

o bonde mostrando as pessoas na rua, de dentro do bonde enfocando os trilhos, de dentro do bonde mostrando a paisagem e, uma última fotografia, que mostra a chegada do bonde no Parque.

Nas duas primeiras fotografias localizadas na parte superior do álbum, vemos homens e meninos na rua ao longo da linha férrea. Percebemos que todos estão trajando ternos e usando chapéus no percurso dos trilhos. Há homens montados a cavalo, que possivelmente tenham vindo de longe para prestigiar a inauguração do bonde. O dia 15 de novembro escolhido para a inauguração, coincidia com o feriado nacional que comemora a Proclamação da República. Portanto, há uma convergência de dois acontecimentos marcantes para a modernidade na cidade do Rio Grande. Ainda, o fato de ser feriado propiciou que a população estivesse nas ruas e participasse do evento.

A respeito da fotografia feita pelo Sr. Ruffier de dentro do bonde enquanto o conduzia, este fez o seguinte registro em seu diário:

No dia 15 de novembro houve inauguração solene dos bondes elétricos no Rio Grande. Na última hora faltaram as lanças de *trolley* [haste com pequena roda na ponta] para captar a corrente da rede aérea. Assim mesmo, mandei um empregado sentar em cima do toldo do carro e segurar uma taquara com um fio que encostava na linha aérea. Subi no controle e... toquei o bonde! Toda a população estava alvoroçada. O carro saindo do galpão era o nº 5. Até a polícia estava mobilizada! Passando pela rua Mal. Deodoro tirei uma foto desta rua onde se vê o povo aglomerado para ver a grande novidade. Parece que o trecho que estava funcionando era da Praça da Caridade até o Cemitério. Estava inaugurada a tração elétrica no Rio Grande! (Ruffier, sem data).

Os bondes foram inaugurados sem a sua completa eletrificação, que foi realizada posteriormente, conforme relatou Ruffier:

No dia 7 de dezembro houve, pois, a famosa “inauguração da eletrificação dos bondes”. A *Compagnie Française* pediu emprestados à *Compagnie Auxiliaire des Chemins de Fer* que administrava a estrada de ferro Rio Grande–Bagé, uns cinquenta metros de linha completa: trilhos, dormentes, etc. O pessoal do Sr. Byington e o engenheiro que ele havia trazido para fazer o projeto das linhas, chamado Fontan, cavou o leito da linha, na rua 24 de maio, esquina da rua Gal. Vitorino, ao lado da praça Tamandaré. Estava presente o intendente Dr. Trajano Lopes que foi convidado a dar a primeira martelada sobre o prego do trilho. Houve discursos, banda de música, foguetes, aplausos. Estavam presentes todos os chefes da *Compagnie Française*, da *Société Générale de Construction*, da Enterprise, respectivamente, Sr. Delpit, Petitalot e Barres, além do Sr. Lan, chefe da contabilidade. Todos foram muito amáveis para comigo. Para festejar este solene acontecimento, o representante da Byington no Rio Grande, Sr. Joaquim Soeiro, nos convidou, com todo o pessoal que ia servir na construção dos futuros bondes para, na loja de artigos elétricos que ele dirigia na rua Ewbank, a tomar um copo d’água. Ali, havia preparado umas mesas e tomamos champagne à saúde dos futuros trabalhos. Improvisei um pequeno discurso saudando os meus futuros colaboradores e todos se foram para suas casas. Depois de pregado o último prego, o que não demorou muito, os trabalhos naturalmente pararam, esperando a vinda do resto do material que ainda nem estava encomendado. Mas, deu-se a inauguração no prazo marcado pelo contrato. (Ruffier, sem data).

A imagem abaixo (figura 5) mostra apontamentos do Sr. Ruffier feitos em um livreto anexado ao seu álbum de fotografias. Nesse livreto, constituído de uma série de relatos,

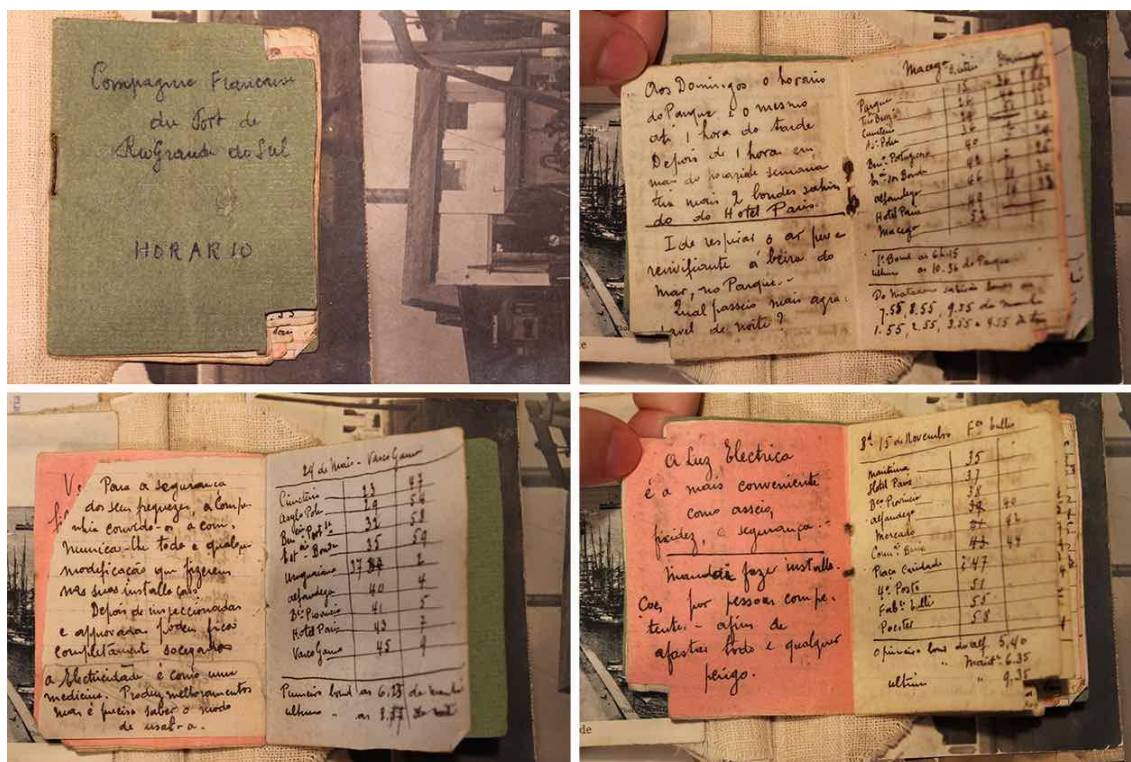
percebemos o quanto ele estava motivado a promover a utilização dos bondes e da energia elétrica. As anotações são um projeto que, posteriormente, deram origem a pequenos cadernos que foram impressos e distribuídos para a população riograndina, indicando os horários, em horas e minutos, da passagem dos bondes em diversos pontos da cidade. Os escritos do livreto<sup>2</sup> são uma propaganda dos bondes e da eletricidade, onde lemos: “Qual a luz que pode competir com a eléctrica para a iluminação de vossa vitrina? Quereis ter uma vitrina bem iluminada? Informae-vos na Companhia”. “Costumam voltar tarde em casa? Em vez de (machucar-se) andar ao encontro em busca da caixa de phosphoro, tenham um contador na entrada: Uma volta de chaves toda a casa tem luz!”. “Um barulho (insólito) (inusitado) de noite? Estais acomodado... Click!: Toda casa está illuminada. Click: Tudo se apaga – Adormeceis socegados... nem foi preciso levantar-se”. “Afim de tornar (acessível) efficaz o (serviço) melhoramento do serviço dos bondes, a Companhia pede aos Srs. passageiros de dirigirem (toda e qualquer queixa) as suas queixas a respeito ao escriptorio da rua Marquez de Caxias afim que lhes seja (dada toda satisfação) promptamente attendidos”. “Para a segurança dos seus freguezes, a Companhia convida-os a communicar-lhe toda e qualquer modificação que fizerem nas suas installações. Depois de inspecionadas e aprovadas podem ficar completamente socegados a Electricidade é como uma medicina. Produz melhoramentos mas é preciso saber o modo de usá-la”. “A Luz Electrica é a mais conveniente como asseio, fixidez e segurança. Mandai fazer installações por pessoas competentes – afim de afastar todo e qualquer perigo”.

Figura 5 – Livreto com anotações do Sr. Ruffier – 1911.

---

<sup>2</sup> As palavras entre parênteses correspondem às que aparecem riscadas nos apontamentos do Sr. Ruffier, porém, como permitem a leitura, foram aqui transcritas.





Fonte: acervo pessoal.

### Nas palavras de Mara do Nascimento (1996):

os bondes anunciavam, pelos seus itinerários, que a cidade expandia-se e que as necessidades da população em se locomover aumentavam. Eram sinal de mudanças. Viajar, ou passear, por um quarto de hora ou por meia hora ao lado de um desconhecido, sem dirigir-lhe a palavra, ou então, trocar conversa formalmente sobre a política ou os costumes com alguém que não se sabia exatamente quem era, revelava o sinal de novos tempos que o bonde poderia proporcionar. A eletricidade, força motriz oculta para os olhos, que não podia ser vítima de chacotas ou apelidos como os burros, reforçou ainda mais a veneração do progresso industrial e dos avanços da racionalidade científica [...].

As figuras 6 e 7 mostram imagens do funcionamento dos bondes elétricos na década de 1930. As fotografias foram feitas do segundo andar da residência da família Ruffier, sita à Rua 24 de Maio. Nestas observamos a transformação da paisagem urbana em relação à imagem da figura 4, onde passava o primeiro trecho da linha do bonde quinze anos antes, na Rua Marechal Deodoro. Na figura 6, destacamos a presença de estudantes uniformizados na rua; homens, mulheres e crianças caminhando na calçada; o bonde elétrico em pleno funcionamento e o cabeamento que faz a eletrificação dos bondes. Já a figura 7 mostra 02 bondes em frente ao Asilo dos Pobres e a Praça Montevideo com uma jardinagem, ao fundo avistamos inúmeras edificações da cidade.

Os bondes elétricos foram decorrência da energia elétrica, sendo evidente a importância desse transporte no cenário da cidade moderna. Semelhante aos demais elementos que representam a modernização urbana, o bonde esteve implantado na condição própria da cidade

moderna e nas aspirações do mundo civilizado. Para Sevcenko (1998, p. 527), o bonde movido por tração animal "(...) já era um poderoso índice de urbanização, transformação tecnológica e ampliação do espaço público". No entanto, o transporte público por meio do bonde implicava um modo de vida europeizado que trouxe o convívio com a máquina elétrica para o espaço da rua.

A energia elétrica é uma aplicação imediata do fornecimento de luz e da implantação do sistema de bondes elétricos para o transporte público. E é notório nessas fotografias, que os transportes, dentro da cidade, de bondes e automóveis foram elementos distintivos do espaço da rua moderna, indícios do progresso nas ruas.

Figura 6 – Bonde elétrico na Rua 24 de Maio.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 7 – Bonde elétrico na Rua 24 de Maio, 1934.



Fonte: Acervo pessoal.

## 2.2 O urbano na *Belle Époque* rio-grandina

O pensamento lefebvriano revela o urbano de natureza dialética (da forma e do conteúdo), incluindo-o no movimento da história moderna e de suas possibilidades. Nesse contexto, para o autor, o urbano não se define apenas através de conteúdos, mas como forma urbana (mentalmente, a simultaneidade; socialmente, o encontro, a reunião).

A *Belle Époque* foi produto do progresso econômico que o Rio Grande vinha vivenciando, influenciado pelas transformações que ampliavam, de modo significativo, os lugares que possuíam domínio das economias industriais. Nesse período, as relações do Brasil com a Inglaterra e a França – nações industrializadas – se intensificaram. Essa aproximação foi fundamental nas novas práticas da vida cotidiana no Brasil. O padrão lusitano do período colonial perdia sua soberania, e as elites brasileiras, e particularmente a rio-grandina, acolhiam a cultura burguesa europeia para legitimar as suas aspirações de superioridade social. De acordo com o sociólogo Gilberto Freyre (1977, p. 336),

tudo que era português foi ficando “mau gosto”; tudo que era francês ou inglês ou italiano ou alemão foi ficando “bom gosto”. Grandes cargas de panos, móveis, louças, artigos de luxo franceses, inundaram os portos do Brasil, logo que a França pôde competir com a Grã-Bretanha na conquista do mercado brasileiro. O brasileiro, mal saído das sombras do sistema patriarcal e da indústria caseira, deixou-se estontear da maneira mais completa pelos brilhos, às vezes falsos, de tudo que era artigo de fábrica vindo da Europa.

Esses modos de vida tornavam-se a essência da chegada da modernidade ao Brasil, e de maneira semelhante, ao Rio Grande, decorrente da troca de mercadorias, que, por sua vez, repercutia sobre as vivências cotidianas. Para Freyre (1977), a europeização e o



aburguesamento da sociedade, impulsionados por ideias originadas em uma realidade social distinta, chegavam distorcidos, tornando-se por isso singulares, uma vez que ainda não havia aqui nem uma urbanização clássica, nem um grupo social efetivamente burguês, posto que o Brasil iniciava seu processo de urbanização e ainda possuía resquícios do escravismo.

A afirmação de Freyre a respeito de não haver no Brasil uma urbanização consolidada pode ser testemunhada na figura 8. Esta fotografia foi feita do segundo andar da residência do Sr. Ruffier, no ano de 1912, e mostra a Rua 24 de Maio, com o prédio do Asilo de Pobres à esquerda, tendo em frente um terreno baldio com animais pastando e poças de água. Observamos, por meio da fotografia do Sr. Ruffier, que no cenário da cidade coexistiam instâncias do urbano e do rural.

Figura 8 – Vista da Rua 24 de Maio – 1912.



Fonte: Acervo pessoal.

Alguns anos mais tarde, com o decorrer das transformações urbanas advindas do processo de desenvolvimento econômico do Rio Grande, o terreno baldio foi transformado em uma praça pública para o desfrute do lazer, ou seja, uma dimensão específica do modo de vida cotidiano na *Belle Époque*. Na figura 9, vemos que a Praça Montevideú, era utilizada para momentos de lazer das crianças da família Ruffier que residiam em frente.

Com a implementação da República no Brasil, as ruas, as praças e os largos, conquistaram relevância e foram redesenhados e higienizados seguindo os ditames do período, atendendo às necessidades dos grupos sociais economicamente em ascensão. As imagens do Sr. Ruffier revelam uma polifonia característica dos momentos de transformação da cidade que impulsionaram a ampliação de novas formas de sociabilidade e novos locais citadinos de lazer.

Por conseguinte, nas fotografias das ruas do Rio Grande é possível identificar a presença de signos da modernidade. Nesse sentido, destacamos: a presença do bonde, a aplicação dos

serviços de energia elétrica, os trilhos e os postes para funcionamento desse meio de transporte com eletrificação, a notória presença humana, a pavimentação, o calçamento, as praças e jardins, e os automóveis.

Figura 9 – Crianças da família Ruffier na Praça Montevideu – sem data.



Fonte: Acervo pessoal.

### 2.3 O lazer moderno burguês

O cotidiano também revelou transformações identificadas nas novas vivências do lazer ao ar livre. Em relação aos novos hábitos cotidianos sob a influência da modernização, o Balneário Villa Sequeira foi idealizado pela empresa Carris Urbanos e envolvia o investimento de ingleses, portugueses e alemães que residiam em Rio Grande. O balneário foi inaugurado no fim do século XIX sob a influência dos balneários europeus, entre os quais destacamos *Biarritz, Dieppe e Deauville*.

A Villa Sequeira foi a primeira estância de banhos do Rio Grande do Sul, construído junto ao Oceano Atlântico, a 23 quilômetros da cidade do Rio Grande. Este foi o primeiro balneário planejado do Brasil, tendo sido o projeto oficializado pela Lei Provincial 1551, de 17 de dezembro de 1885. Entretanto, a Villa Sequeira foi inaugurada em 20 de janeiro de 1890. Dias após, em 26 de janeiro, foi entregue ao público a linha férrea que ligava a cidade do Rio Grande ao Balneário. A conexão ferroviária foi fundamental na propagação do hábito de frequentar a praia. Antônio Cândido Siqueira, sócio-fundador da empresa Carris Urbanos, tinha conhecimento dos balneários franceses, e sentiu-se motivado para realizar o prolongamento da linha férrea até a praia da Mangueira. Ressaltamos que a burguesia rio-grandina recebia



informações do que ocorria na Europa por meio de revistas francesas recebidas regularmente por navios que atracavam no Porto do Rio Grande. A possibilidade de passar o verão junto ao mar modificou o traçado das ferrovias para acompanhar o fluxo de pessoas para o balneário. Conforme Enke (2013, p. 90),

a vilegiatura marítima trouxe mudanças no cotidiano dos habitantes da cidade de Rio Grande, uma vez que desencadeou novas formas de lazer em um local antes desconhecido para a maioria da população. A Villa Sequeira atraiu em sua primeira temporada de funcionamento uma média de cem banhistas diariamente veraneando, além daqueles que se deslocavam nos trens da manhã, apenas para tomar seus banhos de mar.

A prática dos banhos de mar surge com o desenvolvimento do capitalismo industrial e da conseqüente incorporação de mudanças no cotidiano, assim, novos hábitos emergem nos espaços naturais, e a praia passa a ser um local onde a elite expõe seu comportamento moderno e seus anseios de lazer, como o desejo de estar à beira mar. As ideias higienistas e o discurso médico fizeram com que a burguesia recorresse aos balneários em busca de saúde física, deste modo os banhos de mar apontavam como uma novidade para o corpo humano. Assim, a imagem corporal construída era coerente com as transformações sociais produzidas pela Revolução Industrial.

Colaboraram para o sucesso da Villa Sequeira as qualidades terapêuticas da água salina e o clima ameno da praia, que fizeram do local um importante atrativo. Nessa época em Rio Grande, e por muitos anos, o banho de mar era indicado para o bem-estar físico, particularmente, no período entre os meses de abril e maio, devido à grande quantidade de iodo presente na água. Os adeptos do discurso médico divulgaram os banhos no balneário, tornando a praia um lugar que passou a ser frequentado.

No contexto da vilegiatura marítima, também identificamos o hábito das famílias de permanecer a beira mar. Em seu caderno de memórias, o Sr. Ruffier registrou que durante o verão de 1920 “na praia era possível alugar barracas individuais, nas quais deixávamos os apetrechos das crianças”. Estas barracas eram utilizadas para trocar a roupa de banho e guardar os equipamentos necessários num dia de lazer na praia, tais como cadeiras, guarda-sóis, lonas e estacas que eram armadas para proporcionar sombra. Observamos que as barracas eram de madeira e possuíam rodas, se necessário poderiam ser movidas para longe da água do mar, como mostra a figura 10.

Figura 10 – Família Ruffier em frente às barracas na Praia do Cassino – 1920.



Fonte: Acervo pessoal.

A figura 11 mostra imagens dos veraneios da família Ruffier em sua casa de praia nos anos de 1922 e 1925. No livro de memória, ele fez o seguinte apontamento em relação ao primeiro veraneio: “Fomos para o Cassino no dia 7 de janeiro de 1922. (...) O aspecto da casa na ocasião da chegada das crianças. Gozaram da praia ao máximo, pois o mar estava distante uns 300 metros da casa. Viviam na areia ou no mar”. Já na figura 12 observamos a família Ruffier desfrutando de banhos de mar e passeios à cavalo na praia. Essas imagens exibem o modo como o cotidiano era praticado no balneário.

Figura 11 – Família Ruffier na Praia do Cassino – 1922.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 12 – Família Ruffier na Praia do Cassino – 1929.



Fonte: Acervo pessoal.

As mudanças no cotidiano estão vinculadas com o desenvolvimento urbano-industrial do Rio Grande e, em articulação com novas formas de uso do tempo livre e dos espaços urbanos. Os finais de semana, feriados e férias de verão incentivaram a incorporação dos banhos de mar na Villa Sequeira como formas de lazer. A possibilidade de mobilidade entre a cidade e o balneário permitiu o desfrute das férias junto ao mar, e criou o desejo de possuir uma residência secundária próximo à beira mar.

### 3. Considerações finais

Neste estudo abordamos as vivências de um imigrante francês no Rio Grande que expressam a modernidade e a cotidianidade como duas faces da *Belle Époque*. Com o intuito de refletir sobre as relações estabelecidas entre a modernidade e o cotidiano, analisamos as três dimensões do cotidiano em Lefebvre – família, lazer e trabalho –, utilizando os álbuns de fotografias e o diário do imigrante francês Sr. Ruffier.

Destacamos a relevância documental do material para os estudos no campo social, pois envolvem relações entre memória e identidade, narrativa e representação num determinado espaço social. As características documentais desses objetos de memória propiciaram a análise do cotidiano, num estreito reconhecimento da família, do trabalho e do lazer, singularizados nas imagens fotográficas e nos escritos do Sr. Ruffier, através de uma abordagem lefebvriana. Portanto, operaram a função de patrimônio simbólico que assegura um sentimento de pertencimento e de identidade, ao mesmo tempo em que nos impulsionou a pensar de modo indissociado a vida cotidiana, a cultura e a modernidade.

Para Lefebvre, a crítica da vida cotidiana possui como tarefa intelectual e política alargar as possibilidades de apropriação do cotidiano, de seus sentidos e de suas significações vividas na experiência social. A perspectiva de Lefebvre sobre o cotidiano pode ser aproximada das experiências de vida da sociedade rio-grandina da *Belle Époque*, em sua estrutura, modo de funcionamento e dilemas.

### Referências

- BITTENCOURT, Ezio da Rocha. *Da rua ao teatro, os prazeres de uma cidade: sociabilidades e cultura no Brasil Meridional – panorama da História de Rio Grande*. 2. ed. Rio Grande: Ed. da FURG, 2007.
- ENKE, Rebecca Guimarães. *O espetáculo do mar em uma estação balneária no Rio Grande do Sul - A vilegiatura marítima na Villa Sequeira/Praia do Cassino (1885-1960)*. 2013. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.
- LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Critique de la vie quotidienne*. Paris: L'Arche, 1958. v. 1.
- \_\_\_\_\_. *Critique de la vie quotidienne*. Paris: L'Arche, 1961. v. 2.
- \_\_\_\_\_. *Espacio y política*. Barcelona: Península, 1976.
- NASCIMENTO, Mara R. do. *Sobre os trilhos do bonde, os caminhos de uma cidade brasileira*. Porto Alegre, 1996. Dissertação (Mestrado em História) – PUCRS, 1996.
- RUFFIER, Jorge. *Diário pessoal*. Rio Grande. Sem data.
- SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio. In: NOVAIS, Fernando (coord.); SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1998. v. 3. p. 527.

## Fotografías de la vida cotidiana de la Belle Époque en Rio Grande-RS

### Resumen

En este estudio, analizamos los álbumes de fotos en los que el inmigrante francés Jorge Ruffier registró sus vivencias entre los años 1910 y 1930 en el municipio de Rio Grande, revelando una fase de la modernidad conocida como *Belle Époque*. Exploramos el potencial documental de las fotografías para comprender la historia de los procesos de urbanización en Río Grande resultantes de la industrialización. La colección fotográfica nos permite observar el disfrute del espacio público a través de paseos al aire libre, vacaciones de verano en Balneário Cassino, la llegada de la electricidad y el tranvía, y también la armonía con la moda europea identificada en la indumentaria de los sujetos. Adoptamos la fotografía como fuente y objeto de estudio para la producción de conocimiento multidisciplinario, y su análisis como propuesta metodológica inherente al proceso de investigación. Así, la fotografía es un recurso para comprender la cotidianidad expresada en los hábitos utilizados en la reproducción de la vida, ampliando la evidencia documental de la realidad social del pasado.

Palabras clave: *Belle Époque*, cotidianidad, fotografía, modernidad, Rio Grande.

## Photographies de la vie quotidienne de la Belle Époque à Rio Grande-RS

### Résumé

Dans cette étude, nous analysons les albums photo dans lesquels l'immigrant français Jorge Ruffier a enregistré ses expériences entre les années 1910 et 1930 dans la ville de *Rio Grande*, révélant une phase de modernité connue sous le nom de *Belle Époque*. Nous explorons le potentiel documentaire des photographies pour comprendre l'histoire des processus d'urbanisation du Rio Grande résultant de l'industrialisation. La collection photographique nous permet d'observer la jouissance de l'espace public à travers les promenades en plein air, les vacances d'été à *Balneário Cassino*, l'arrivée de l'électricité et du tramway, ainsi que l'harmonie avec la mode européenne identifiée dans les vêtements des sujets. Nous avons adopté la photographie comme source et objet d'étude pour la production d'un savoir pluridisciplinaire, et son analyse comme proposition méthodologique inhérente au processus d'investigation. Ainsi, la photographie est une ressource pour comprendre la vie quotidienne exprimée dans les habitudes utilisées dans la reproduction de la vie, élargissant la preuve documentaire de la réalité sociale du passé.

Mots-clés : *Belle Époque*, quotidien, photographie, modernité, *Rio Grande*.

## Photographs of Everyday Life in Rio Grande during the Belle Époque

### Abstract

In this research we analyze the photo albums in which the French immigrant Jorge Ruffier recorded his experiences between the years 1910 and 1930 in the city of Rio Grande, revealing a phase of modernity known as *Belle Époque*. We explore the documentary potential of photographs to understand the history of urbanization processes in Rio Grande resulting from industrialization. The photographic collection allows us to observe the enjoyment of public space through outdoor walks, summer vacations at Balneário Cassino, the arrival of electricity and tram transport, and also the synchrony with European fashion identified in the subjects' clothing. We adopted photography as a source and object of study for the production of multidisciplinary knowledge, and its analysis as a methodological proposal inherent to the investigation process. Thus, photography is a resource for understanding the daily life expressed in the habits used in the reproduction of life, expanding the documentary evidence of the social reality of the past.

Keywords: *Belle Époque*, daily life, photography, modernity, Rio Grande.